

Música e identidade indígena na Festa de Santo Alberto: Alto Rio Negro, Am.

Líliam Cristina da Silva Barros¹

Resumo: *Esta pesquisa buscou compreender a identidade indígena manifesta no repertório das festas de santo que ocorrem no bairro da Praia na cidade de São Gabriel da Cachoeira em meio a uma cultura do contato, cultivada pela convivência de frentes ideológicas ocidentais e tradicionais e o contexto geopolítico da região por uma população majoritariamente indígena que apresenta grande diversidade étnica.*

Tal intento teve como suporte para a compreensão do fenômeno o tripé música, língua e etnia, que se entrelaça constituindo a base sobre a qual se forma a cultura do contato em São Gabriel da Cachoeira. Nas festas de santo, esta trindade é explicitada a partir de uma cerimônia própria da região denominada dabokuri que constitui fundamento sobre o qual está edificada a manifestação. Tais aspectos se refletem nos repertórios da manifestação tendo como principal eixo definidor a língua que, além de sinal diacrítico de identidade, estabelece as fronteiras internas e externas da estrutura musical como um todo.

Introdução

A grande área etnográfica do Alto Rio Negro (Galvão, 1976) pode ser caracterizada pela multiplicidade étnica cuja base cultural em comum se assenta sobre um sistema de comunicações ritualizado na troca de bens, o dabokuri, e em diversos outros domínios sócio-culturais tais como a cosmologia, a mitologia e a produção agrícola. Historicamente caracterizada pelo contato com diversas frentes colonizadoras, a região apresenta comunidades em diferentes níveis de integração com a sociedade capitalista sendo São Gabriel da Cachoeira a representante maior deste processo de assimilação em função do contexto geopolítico da fronteira.

¹ Mestranda em Etnomusicologia pelo PPGMUS-UFBA.

Situada nas fronteiras do Brasil com a Colômbia e a Venezuela, São Gabriel da Cachoeira vem sendo incorporada às novas políticas de guarda nacional; e grandes levadas de militares, vindos principalmente do sul e sudeste, têm se instalado de forma transitória ou não na cidade. Contudo, a militarização das fronteiras constitui uma frente mais ou menos recente na história da cidade. Vinculada à história da Amazônia como um todo, a área do Rio Negro fez parte do processo de colonização da coroa portuguesa e, com ela, todas as frentes de exploração comercial, ocupacional e missionária.

A cidade de São Gabriel da Cachoeira está situada no Alto Rio Negro próximo ao interfluxo dos rios Uaupés e Içana. A presença europeia no Rio Negro está vinculada ao processo de ocupação lusa no interior da Amazônia, caracterizada pela construção de fortes e acampamentos de segurança, assim como pelas tentativas de estabelecimento de missões. Após este período colonial expansionista, o extrativismo da borracha impulsionou o crescimento comercial da região. Neste período, em 1938, São Gabriel adquiriu foro de cidade e grande prestígio comercial, seguido por um declínio e diversificação das atividades. A partir da década de 70, uma grande leva de migrantes nordestinos (principalmente do Rio Grande do Norte e Ceará) se alojou na cidade em função da construção da estrada BR 307. Por caracterizar-se como uma zona de fronteira, é altamente militarizada por um contingente sempre renovado mas que constitui uma das faixas populacionais do estrato social urbano.

Assim, nesta situação de “contato”, a população indígena de São Gabriel da Cachoeira experimenta modelos sócio-econômicos distintos: de um lado o trabalho na cidade, no setor público ou privado, de outro a manutenção da roça, do artesanato e dos valores culturais tradicionais de uma maneira geral. O panorama lingüístico da região revela uma grande diversidade, sendo o nheengatu, ou língua geral, a língua franca, falada por quase todos os habitantes da região e mais difundida, seguida pelo tukano e, por fim, as línguas próprias de cada etnia, faladas individualmente ou em grupos domésticos. O português e o espanhol seguem sendo línguas obrigatórias e faladas amplamente.

As festas de santo em São Gabriel da Cachoeira

São duas as zonas de realização de festas de santo em São Gabriel da Cachoeira, o antigo bairro da Praia, situado na margem da entrada da cidade e o bairro Dabaru, recente, constituído de índios descidos das cabeceiras dos rios há pouco tempo, em busca de trabalho e estudo para os filhos. O bairro da Praia, em virtude da antiguidade dos moradores e das festas que lá se realizam, foi escolhido como centro dos estudos sobre festas de santo, especialmente a de Santo Alberto, que ocorre no mês de Agosto.

O bairro da Praia é constituído de cerca de setecentas pessoas², moradores que lá vivem há uns trinta ou mais anos. A geração mais antiga fala o nheengatu, português e sua língua natal, sendo que os que moraram ou são oriundos da Colômbia falam o espanhol.

O período de realização das festas de santo está vinculado ao calendário litúrgico cristão, coincidindo com as datas dos santos católicos mas, mesmo assim, se estabelecem numa esfera de orientação tradicional vinculada aos ciclos das chuvas e da natureza em geral, fato que se reflete principalmente nas ofertas para a festa e no repertório profano de danças. Tais festas possuem em seu fundamento duas matrizes culturais: a liturgia católica e a cerimônia do dabokuri sendo esta última a base sobre a qual se estabeleceu o modelo litúrgico católico.

O repertório das festas de santo está divididos em três categorias: reza, caminho de santo e correrê. O repertório de rezas consiste em um aglomerado de ladainhas cantadas em latim e português e executadas nos momentos de contrição da festa. O repertório de rezas é unido pelo significado da experiência religiosa e sentido de comunicação com o santo, uma vez que a execução das músicas é feita em duas situações: no dia das festas de santo ou em pagamento de promessas. Outras características confluem para esta unidade do repertório (ver Anexo I): as músicas cantadas em português e latim, orientação temporal prosódica em maior ou menor subordinação, relações tonais e modais, e espaço geográfico de realização das rezas (salão do clube da comunidade).

² Comunicação pessoal de uma das habitantes do lugar, Ana Keyla.

Outro repertório, o de caminho de santo, consiste em músicas que são cantadas no itinerário percorrido pelo santo ao longo das ruas do bairro, podem ser cantadas com acompanhamento do tamborino ou da flautinha mimbí. Como características que conferem unidade e identidade ao repertório pode-se considerar o espaço geográfico (ruas), os instrumentos, as músicas em português e nheengatu, orientação temporal prosódica em maior ou menor índice de subordinação, e o texto dirigido às pessoas que recebem o santo em suas casas ou acompanham a procissão (ver Anexo II).

As danças constituem um repertório lúdico, cujos cantos são em língua geral e acompanhados pelo tamborino com temas de animais das estações. São danças miméticas como é muito comum na Amazônia e acontecem durante a roda de correrê, ou corrida de bebidas (prática herdada dos dabokuris). Este repertório contém músicas cantadas única e exclusivamente em nheengatú, com temas como wakará (garça), borboleta e macaquinho. Interessante notar que as músicas cantadas em nheengatu, tanto do repertório de correrê quanto de caminho de santo, estão baseadas em um único motivo que se desdobra segundo as necessidades do texto, configurando referência prosódica (ver Anexo III). Segundo o critério de análise musical dos músicos da comunidade - a língua - este tipo de música faz parte do repertório em Baré sendo, por isso, denominado sistema Baré para fins de compreensão do repertório.

Como escolha analítica para a compreensão de repertórios tão diversos, a língua é pertinente por ser categoria nativa de concepção musical e das relações sócio-culturais, uma vez que a língua é o principal elemento definidor de identidade étnica.

Identidade e Música: desdobramentos sobre o repertório das festas de santo.

Para uma compreensão da identidade indígena manifesta no repertório de santo é necessário levar em conta os enclaves étnicos encontrados no âmbito do bairro da Praia. Santos (1983) menciona as quatro categorias nas quais se inserem os espelhos identitários - di-

versas etnias, caboclo/maku, da região, de fora - e que, de certa maneira, exprimem como os índios caracterizam o repertório.

A partir da compreensão das matrizes culturais das festas de santo e de seus desdobramentos sobre o repertório, pôde-se traçar eixos identitários que possibilitaram a emergência da identidade étnica presente na manifestação. Deste modo, a língua e o dabokuri constituem os pilares sobre os quais está edificada a intrincada teia de relações identitárias revelada no repertório de festas de santo. De um lado, a língua explicita a pertença étnica a partir da equivalência do nheengatú com a língua Baré - etnia que habitava o baixo Rio Negro e que teve maior grau de inserção na sociedade capitalista tendo sido descaracterizada em diversos aspectos de sua cultura e angariado novos mecanismos de manutenção de identidade, sendo o repertório de festas de santo um deles - e, por outro lado, o dabokuri emerge enquanto fundamento cultural a partir de categorias como ofertas, dança, coreografia e repertório de corrida de bebidas, que possibilitam um paralelo entre ambos os acontecimentos.

Os moradores da comunidade, no entanto, estabelecem diferenças entre as duas manifestações nas categorias “cultural” e “de fora” configurando-se, então, o dabokuri como uma característica própria da cultura rio-negrina e, as festas de santo, como algo imposto, “de fora” mas que terminou por tornar-se “da região” pelo fato de acontecer em todo o vale do Rio Negro. Na análise das festas de santo pelos moradores, tais categorias se conectam ao eixo principal definidor de identidade - a língua. Assim, entre os repertórios ocorre a divisão das músicas em português, latim e nheengatu estando esta última vinculada á categoria “cultural” enquanto as duas primeiras são consideradas “de fora” (ver Anexo IV). Ainda na análise das festas de santo pelos membros da comunidade, considera-se a categoria “coisa de índio” ou “costumes indígenas” vinculada à ingestão de bebidas, danças, comidas típicas, repertórios. Esta categoria expressa a visão que os moradores da comunidade concebem que os “brancos” tenham sobre os índios, sendo a categoria “brancos” abrangente aos “de fora” da região.

Em meio à diversidade étnica do bairro da Praia, o repertório de festa de santo deixa transparecer a proeminência dos Baré, em contraposição à idéia generalizante de “coisa de índio” que a festa possa sugerir. Deste modo, concebe-se o jogo identitário que se reflete através do evento a partir dos conceitos de “identidade contrastiva” de Roberto Cardoso de Oliveira (1976) do índio em situação em contrapartida ao conceito de “índio genérico” do mesmo autor na medida em que a proeminência da etnia Baré é explicitada em situação específicas e internas à comunidade, enquanto que a caracterização das festas como “coisa de índio” se manifesta para os “brancos” e pelos “brancos”.

O sentido de pertencimento do repertório de santo se mostra calcado em diversas faces da identidade étnica: a do caboclo; a do Baré, a do “de fora”. No jogo de espelhos, estas faces respondem aos chamados que exijam tais e tais sinais. Este jogo de identidades se revela, também, nos três repertórios das festas de santo que comportam em seu bojo músicas calcadas em três sistemas musicais distintos - modal, tonal e Baré. Os músicos do bairro da Praia reconhecem estas diferenças e acentuam o caráter de pertença étnica do sistema Baré frente aos outros “de fora”.

Conclusão

A partir da visão de conjunto dos sistemas musicais representados pelo repertório do bairro da Praia pode-se sugerir um processo de mudança cultural em música, evidenciado por diversas dimensões do corpo sócio-cultural do contexto em questão.

Transferindo a questão de referenciais simbólicos para o nível dos sistemas musicais existentes no repertório de santo percebe-se um hibridismo que se reveste de embustes uma vez que tais sistemas não constituem, em toda a sua amplitude, o “sistema musical do bairro da Praia”. Na verdade, as músicas pertencentes a um e outro sistema devem ser consideradas como remanescentes transfigurados e resimbolizados mas que, justamente pela sua carga histórica, têm

representatividade étnica no jogo de espelhos das festas de santo do bairro da Praia.

Em meio a este hibridismo permeado de simbologias, a identidade indígena se manifesta através do tríptico música, língua e etnicidade que encontram nas matrizes culturais, dabokuri e liturgia católica, ambiente propício para refletirem as imagens da proeminência étnica dos Baré em contraposição à generalizante do caboclo frente aos habitantes de dentro e de fora da região.

Referências Bibliográficas

Galvão, Eduardo. *Santos e visagens: um estudo da vida religiosa de Ita, Baixo Amazonas*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

Oliveira, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira, 1976.

Santos, Antonio Maria de Souza. “Etnia e urbanização no Alto Rio Negro: São Gabriel da Cachoeira: AM.” Dissertação de Mestrado. UFRGS. Porto Alegre, 1983.

Anexos

I. Repertório de Rezas

	Orientação Temporal	Língua	Centro Tonal
Introdução	Prosódica	Latim	Ré dórico
Pai-Nosso e Ave-Maria	Prosódica	Português	Ré M
Glória	Prosódica	Latim	Ré dórico
Ladainha	Prosódica	Latim	Ré dórico
Salve Rainha	Menor subordinação à prosódia	Português	Si M
Oferecimento	Menor subordinação à prosódia	Português	Si M
Virgem Soberana	Menor subordinação à prosódia	Português	Si M
Bendito	Prosódica	Português	Ré dórico e Ré m
Despedida	Prosódica	Português	Ré m

II. Repertório de Caminho de Santo

Música	Língua	Orientação Temporal	Centro tonal
Chegada do santo	Português	Menor subordinação à prosódia	tonal
Levada para o clube	Português	Menor subordinação à prosódia	tonal
Licença para entrar na casa	Português	Menor subordinação à prosódia	tonal
Licença para sair da casa	Português	Menor subordinação à prosódia	tonal
Itutinga	Nheengatu	prosódica	Baré
Chegada dos componentes	Português	Menor subordinação	tonal
Castelo	Português	Menor subordinação à prosódia	tonal
Chegada no Porto	Português	Menor subordinação à prosódia	tonal
Saída do Porto	Português	Menor subordinação à prosódia	tonal
Quando a festa acaba	Português	Menor subordinação à prosódia	tonal

III. Repertório de Correrê

IV. Identidade em São Gabriel da Cachoeira

Música	Enclaves étnicos		Fricção Interétnica	
	Dança	Língua	Orientação Temporal	Reflexão tonal
Wakará	Nheengatu	Diversas etnias	prosódica	baré
Doborari	Nheengatu	prosódica	prosódica	Festa de santos
Borboleta	Nheengatu	Caboclo/Maku	prosódica	baré
Repertório tradicionais				Baré - Rihengatú
Língua indígenas		“Da região”		X
		“De fora”		Português/latim
				Modelo tradicional

Eixos Identitários

Categorias Nativas